

# CORPO, MARCA E AUTORIA: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A AUTOMUTILAÇÃO E A TATUAGEM

Laura Salek<sup>1</sup>

Gustavo Angeli<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduada em  
Psicologia pelo  
Centro Universitário  
Avantis

<sup>2</sup> Doutorando em  
Psicologia pela  
Universidade  
Federal de Santa  
Catarina na área  
Psicologia Social e  
Cultura.

## RESUMO

Observa-se na atualidade, aumento nos relatos de práticas autolesivas realizadas por jovens, sendo outro fenômeno presente o surgimento de diversos estúdios de tatuagem e novas técnicas de marcação corporal. O corpo se apresenta como possibilidade de marca, registro, autoria. Tendo o corpo como possibilidade de inscrição, pretende-se neste trabalho entrelaçar estes dois tipos de escarificação: automutilação e a tatuagem, relacionando-as à leitura do masoquismo e das teorias das pulsões desenvolvidas por Sigmund Freud, ao mesmo tempo promover a escuta dos recortes e das marcas contemporâneas no corpo. Através de pesquisa bibliográfica com ênfase na psicanálise, serão analisados relatos de automutilação e tatuagem que constam em grupos específicos nas mídias sociais, levantando os significados subjetivos emitidos pelos sujeitos a fim de entender de que forma encontram caminhos para dor e para o prazer no corpo.

**Palavras-chave:** automutilação; masoquismo; psicanálise; pulsão; tatuagem.

**BODY, BRAND AND AUTHORSHIP: PSYCHOANALYTIC  
CONSIDERATIONS ON SELF-HARM AND TATTOOING**

**ABSTRACT**

*Nowadays, there is an increase in reports of self-harm practices carried out by young people, another phenomenon being the appearance of several tattoo studios and new techniques of skin marking. The body presents itself as a possibility of trademark, registration, authorship. Having the body as a possibility of inscription, this work intends to intertwine these two types of scarification: self-harm and tattooing, relating them to the reading of masochism and the theories of drives developed by Sigmund Freud, at the same time promoting listening to clippings and contemporary marks on the body. Through bibliographic research with an emphasis on psychoanalysis, reports of self-harm and tattooing that appear in specific groups on social media will be analyzed, raising the subjective meanings issued by the subjects in order to understand how they find paths to pain and pleasure in the body.*

**Keyword:** *self-harm; masochism; psychoanalysis; drive; tattoo.*

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura observar duas formas de marcação corporal que têm se apresentado mais presentes nos relatos de jovens: a automutilação e a tatuagem. Neste sentido, apresentamos como pressuposto as marcações corporais como sintoma e como forma de tornar este corpo singular, uma apropriação de si.

Não é simples relacionar as múltiplas funções das tatuagens e resumí-las nos dias atuais. O hábito de tatuar-se já estava presente, historicamente, na humanidade desde a pré-história e, segundo Day (2019) não se trata sobre perguntar quando as tatuagens passaram a constituir hábito comum, mas sim, a partir de quando deixaram de ser, visto que ao longo do tempo apresentaram funções de proteção, misticismo, identificação, estética e restauração, sendo usadas como forma de expressão e elaboração de experiências, angústias e afetos.

Segundo Day (2016) há algumas décadas as tatuagens voltaram a fazer parte dos grupos sociais de forma generalizada, principalmente a partir da dé-

cada de sessenta com o movimento hippie que permitiu maior visualização dos corpos e setenta com o movimento punk e rock n'roll, mas é com o advento da internet que as tatuagens passam a ter um novo lugar de divulgação deixando de se tornar movimento à margem, ganhando visibilidade.

Andrioli (2014) relata que a realização de marcas corporais na pele, tais como tatuagens, piercings ou cortes são práticas comuns, principalmente entre adolescentes, e que há uma compreensão de que essas práticas realizam um endereçamento a alguém e o desejo de ter o olhar do outro sobre si. Em contrapartida, nos últimos anos, observa-se o crescimento dos relatos clínicos que relacionam os casos de automutilação como sintoma encontrado em certos transtornos mentais ou como o próprio transtorno e si, porém, para Araújo et al. (2016), através da leitura psicanalítica pode-se pensar nas questões que envolvem as marcas corporais em sua relação com as pulsões e o masoquismo. Levando-se em conta o caráter similar de tornar o próprio corpo como objeto, a pele em particular, por meio da obtenção de prazer através da dor nas formas ativa e passiva dos atos.

Nesse sentido, a presente pesquisa perpassa um acurado estudo bibliográfico sobre as teorias das pulsões nas obras de Sigmund Freud, em especial em “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924/2011), além de outros contextos na psicanálise para a compreensão e observação sobre as possíveis correlações entre as práticas dos atos autolesivos e a tatuagem.

A pesquisa realizada nos bancos de dados Scielo e Google Acadêmico sobre uma possível relação entre autolesão, tatuagem e psicanálise permitiu o encontro de reduzidos trabalhos em torno das marcas corporais, sendo possível a pesquisa apenas quando realizada a partir de palavras-chaves separadamente em relação aos assuntos abordados sendo: automutilação e psicanálise, tatuagem e psicanálise e automutilação, masoquismo e psicanálise. Estudos que abordam ambas as formas de marcação corporal, levando em conta as pulsões e o masoquismo sob a ótica da psicanálise, não foram encontrados, sendo necessário revisitar a literatura psicanalítica para realizar a correlação entre as duas formas de marcação corporal, o masoquismo e as teorias das pulsões apresentadas por Freud, além da investigação da dinâmica psíquica no ato de inscrição no corpo.

Neste trabalho, pretende-se observar também o aspecto abordado por

Costa (2002), que ressalta as tatuagens não apenas como pintura, mas também uma forma de escarificação da pele que pretende deixar sua marca permanente dando significado novo a esse corpo que dela se utiliza, trazendo a função de coletivizar e singularizar, em que o sujeito possibilita a sua inserção em grupos com os quais se identifica e marca este corpo como forma de simbolizar-lo.

Num primeiro momento, através das teorias das pulsões e do masoquismo, apostamos no entendimento sobre o corpo que encontra prazer em atos que machucam a pele e causam dor. Assim como, ao longo do artigo, apresentamos recortes de relatos de sujeitos que se utilizam destas práticas e que encontram meios possíveis para destinar suas angústias e algumas vezes, uma possibilidade de ressignificar suas experiências.

## 2 AS PULSÕES E SUAS VICISSITUDES: MARCA, LESÃO E AUTORIA

Tendo-se em vista que as práticas da automutilação e da tatuagem fazem escritas se utilizando da pele do próprio corpo para uma autoria de si, buscamos no contexto da psicanálise e das teorias das pulsões realizar um percurso que possibilite a leitura dessas inscrições como marcas únicas de cada sujeito.

Nas obras de Freud, podemos encontrar os termos pulsão e instinto de acordo com a tradução e, segundo Gomes (2001), ao longo de tais obras podem-se verificar duas teorias sobre as pulsões, sendo na primeira as pulsões fundamentais, pulsões sexuais e de auto-preservação e, na segunda teoria, as pulsões de vida e de morte. A segunda teoria não substitui totalmente a primeira, mas a absorve e acrescenta modificações.

Informa Gomes (2001) que o termo mais comumente utilizado por Freud em diversas de suas obras foi *trieb*, que na língua alemã pode ter como sinônimos *instinkt*, também utilizado em alguns textos, mas em geral em referência ao inato ou hereditário. A palavra *trieb* foi inicialmente traduzida para a língua portuguesa como impulso, devido ao seu uso corrente mas, quando transformada em adjetivo – impulsivo – perdia o sentido proposto pela psicanálise. O

termo pulsão foi adotado na língua portuguesa a partir do termo em francês *pulsion*. As obras de Freud utilizadas neste artigo são da editora Companhia da Letras, cuja tradução traz *trieb* como “instinto”, mas que serão apresentadas ao longo deste trabalho como “pulsão”.

Segundo Gomes (2001), a primeira das teorias das pulsões na obra freudiana traz quatro definições que auxiliam a conceituar a pulsão, que são a fonte, o alvo, o objeto e a pressão. A fonte da pulsão é o que a origina e o processo somático. O alvo, também traduzido como meta, seria a suspensão da estimulação na fonte ou ainda as etapas intermediárias que possam levar ao mesmo fim, em que através de uma satisfação mesmo que parcial da pulsão, suspenderia o estado de estimulação na fonte somática.

O objeto é aquilo através do qual a pulsão se utiliza para atingir seu alvo, sendo variável de acordo com a possibilidade que dá de tornar possível a satisfação, sendo que o objeto pode se apresentar como algo externo ou ainda, uma parte do próprio corpo, ou como esclarece Gomes (2001, p. 251): “Uma representação psíquica desse objeto externo ou dessa parte do corpo”.

Nesse contexto, pode-se pensar o corpo como fonte de prazer em torno da temática apresentada e que encontra nas práticas autolesivas, e na tatuagem possibilidade de transbordamento da pulsão no próprio corpo como modo de satisfação. Tanto o alvo quanto o objeto são extremamente importantes para diferenciar-se a concepção freudiana de pulsão de outras concepções. Por fim, a pressão é a quantidade de força ou de trabalho necessário ao aparelho psíquico para encontrar os meios de obter sua satisfação.

Gomes (2001) distingue a separação das pulsões em dois grupos, sendo as pulsões sexuais mais numerosas, têm fontes orgânicas e alvo na obtenção de prazer no órgão. As pulsões de autoconservação ou pulsões do eu as que se referem, mais propriamente a conservação da vida ou sobrevivência, sendo que, posteriormente, ao formular a segunda teoria das pulsões, ambas passam a figurar como pulsões de vida. Gomes (2001) exemplifica os conceitos através do ato de se alimentar, onde a pulsão de autoconservação teria como meta a ingestão do alimento e a pulsão sexual, tendo como alvo o prazer da zona erógena oral. Roudinesco e Plon (1998) informam que Freud elabora em 1911 as pulsões sexuais que se encontram sob o domínio do princípio do prazer, que objetiva obter prazer e evitar o desprazer, e as pulsões de autoconservação a

serviço do princípio de realidade que impõem restrições ao primeiro, adaptando-se à realidade externa.

Ao analisar as pulsões e sua relação com objeto, Freud (1905/2016, p. 38) conclui: “Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre pulsão e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que a pulsão sexual seja, de início, independente de seu objeto”. Por meta sexual, entende Freud em sua primeira teoria das pulsões, como a união sexual, copulação, que leva ao alívio, tensão sexual e diminuição temporária da pulsão sexual. Já em “Introdução ao narcisismo”. Freud (1914/2010) entende que a meta é sempre a satisfação, por meio do qual diversos caminhos podem conduzir já que uma pulsão pode ter várias metas próximas ou intermediárias. Quando os atos de tocar e olhar tem como finalidade a obtenção da meta sexual, são consideradas como relações intermediárias com o objeto.

Freud (1905/2016) explica que uma parte da pele ou mucosa podem trazer sensações de prazer, servindo de zona erógena, sendo a produção de prazer muito mais relacionada à qualidade do estímulo do que à parte do corpo em si, onde a escolha deste ponto e a sua repetição relacionada ao hábito, sendo antes precedido por uma sensação de tensão com características de desprazer com consequente necessidade de substituição desta sensação por outra que gere prazer e satisfação.

Para Freud, (1905/2016) através do olhar a excitação é despertada com mais frequência rumo à meta sexual, porém, o prazer de olhar se torna perversão quando, entre outros, em vez de preparar, reprime a meta sexual normal, onde o sujeito se empenha em olhar e ser olhado, a meta sexual apresenta configuração dupla, em forma ativa e passiva.

Na maioria dos casos, o caráter patológico da perversão não se acha no conteúdo da nova meta sexual, mas em sua relação com o normal (meta sexual e objeto), quando circunstâncias favoráveis a promovem e desfavoráveis impedem o normal; se em vez disso ela reprime e toma o lugar do normal em todas as circunstâncias – ou seja, havendo exclusividade e fixação por parte da perversão -, consideramos legítimo vê-la como um sintoma patológico. (FREUD, 1905/2016, p.57)

Freud (1905/2016) delinea que o entendimento das pulsões poderia passar por novas reformulações, e que a clínica dirigiria suas atenções às fusões que não aparecem claramente no comportamento uniforme normal e que nas neuroses, diante da pressão das pulsões e da rejeição da sexualidade, aparece o conflito que na tentativa de escape transforma as pulsões libidinais em sintomas. Ganham destaque as pulsões sexuais parciais, tais como o prazer de olhar e da exibição, sadismo e masoquismo, sendo este último importante para a compreensão da natureza de sofrimento dos sintomas. No prazer em olhar e no exibicionismo, o olho surge como zona erógena e no masoquismo e sadismo a pele assume esse papel. Neste contexto, abre-se campo à leitura das marcações corporais auto infligidas como forma do sujeito encontrar caminho para o prazer em sua própria pele.

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914/2010) faz a diferenciação entre estímulo fisiológico e pulsão, afirmando que a pulsão não provém do mundo exterior, mas do próprio organismo atuando de forma constante sobre a psique e exigindo ações para ser eliminada, através da satisfação. A fuga ou a extinção de uma fonte externa não representa uma saída possível visto que não extingue a pulsão.

Freud (1914/2010) nos apresenta, entre as possibilidades para o destino das pulsões, o ato de voltar-se contra si próprio, acrescentando que o masoquismo é também um sadismo que se utiliza da fúria contra a sua pessoa, que há a mudança do objeto sem que sua meta seja alterada ( lembrando que o objeto da pulsão é aquele com o qual ou pelo qual pode-se alcançar a meta, podendo se dar através de uma parte do próprio corpo ). Freud (1914/2010) conclui assim que a vida psíquica é dominada por três polaridades, sendo as relações do sujeito com objeto, de prazer e desprazer, de ativo e passivo.

A partir de “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/2010) considera que existem tensões que são prazerosas e relaxamentos desprazerosos, ou seja, que prazer e desprazer não podem ser relacionados apenas ao fator quantitativo, mas pelo qualitativo. Alguns dos relatos sobre automutilação nos fazem perceber a qualidade de alívio após o ato autolesivo, como observado por Andrioli (2014) junto a uma de suas pacientes sobre sentir enorme angústia diante de um medo, perigo ou nervosismo ou ante à uma frustração, sendo a única reação possível encontrada a de cortar o próprio corpo, rela-

tando que isto a acalmava, não percebendo dor alguma no corte realizado.

Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924/2011) correlaciona as pulsões de vida e de morte ao masoquismo e suas três formas apresentadas, sendo um masoquismo erógeno, um feminino e outro moral. Araújo et al (2016) explica que no masoquismo erógeno ou primário, a parte da libido que não é utilizada a serviço da função sexual, não é transposta para fora, mas permanece dentro do organismo, ficando libidinalmente presa, tendo seu próprio ser como objeto e nisso identifica-se o masoquismo primário, donde se derivam os outro dois tipos de masoquismo.

Não ficaremos surpresos ao ouvir que, em determinadas circunstâncias, o sadismo ou pulsão de destruição voltado para fora, projetado, pode ser novamente introjetado, voltado para dentro, desse modo regredindo à sua situação anterior. Então dele resulta no masoquismo secundário, que se junta àquele original. (FREUD, 1924/2011, p. 193)

No que se refere à automutilação, pode-se inferir o observado acima, onde a pulsão de destruição encontra no próprio corpo a possibilidade do ato realizado pelo próprio sujeito. Em contrapartida, Freud (1924/2011) explana que o masoquismo feminino é mais acessível à observação, sendo encontrado em atos, como por exemplo: ser amordaçado, amarrado, golpeado, obrigado à obediência, humilhado, sendo possível ver mais raramente a mutilação. Completa informando ser comum perceber que por trás dessas manifestações a atitude passiva de desejo por ser tratado como uma criança pequena, desamparada, dependente e mal comportada, em que um sentimento de culpa pode se manifestar, exigindo expiação por meio de procedimentos penosos. Uma articulação possível com o tema talvez seja observada na atividade da tatuagem, em que o desejo vai se construindo desde a busca pelo tatuador, pela imagem que trará caminho à fala, na escolha da marca que será realizada na pele, porém esta busca se delinea por meio de escarificações lentas e dolorosas.

A partir do fator da culpa presente no masoquismo, Freud (1924/2011) passa à terceira forma, o masoquismo moral. Explica que nas demais, os sofrimentos masoquistas devem partir da pessoa amada e por isso tolerados,



aceitos. No masoquismo moral o que importa é o sofrimento, não fazendo diferença se partem de outra pessoa ou surgem através de circunstâncias que o levem a sofrer. Conclui informando que os pacientes não aceitam a hipótese de que abrigam sentimentos de culpa inconsciente, pois comparam com ideias que trazem conscientemente do que seja culpa. Atribui que a expressão mais adequada seja a de necessidade de punição, e que os sentimentos conscientes podem aparecer através de angústia a percepção de que não está à altura das exigências colocadas pelo seu ideal.

Quando observados alguns relatos de sujeitos que praticam autolesão, pode-se observar características comuns que precedem o ato, tais como: recordação de situações traumáticas, excitação diante de uma lembrança ou situação, angústia, frustração, necessidade de punição e compulsão. Para Araújo et al. (2016), parte da incompreensão sobre a motivação por trás da automutilação está relacionada à ideia de obtenção de prazer e evitação da dor que aparece no senso comum, pois é inconcebível a busca de obter o alívio por meio de atos autolesivos. Para os autores, daí surge a grande dificuldade de discussão encontrada pelos sujeitos com pais, familiares, educadores e amigos.

Araújo et al. (2016) define automutilação como a prática de machucar o próprio corpo através de cortes, queimaduras, furos, autoespancamento, mordidas, arranhões, entre outros, sem que haja intenção de suicídio. Os autores informam que na literatura médica, os atos autolesivos aparecem relacionados de diversas formas, como um sintoma de um transtorno mental ou como o transtorno mental em si e, por isso uma das dificuldades encontradas na clínica é o diagnóstico e as terminologias possíveis, encontrando-se como automutilação, auto lesão, autoflagelação, escarificação, escoriação, marcas corporais, cortes auto infligidos, entre outros.

Segundo Jatobá (2010), escarificar significa fazer uma incisão superficial na pele, através de um corte que deixa cicatriz sem que se tenha a intenção de criar uma imagem. sendo na automutilação, o sujeito ativo nesta prática em seu corpo, diferentemente da tatuagem que para ser feita é necessária a entrega deste corpo ao outro.

Jatobá (2010) distancia a ideia do sintoma como patológico, já que na psicanálise, este é entendido como manifestação subjetiva, formação do inconsciente que se relaciona com a história do sujeito, de forma que este ao

mesmo tempo em que sofre tem satisfação pulsional. Entretanto, ressalta que até meados da década de oitenta, a automutilação era prática marginalizada e geralmente associada a tentativas de suicídio. Com o desenvolvimento dos sistemas classificatórios, os profissionais da saúde passaram a observar que a automutilação envolvia outros comportamentos que precisavam ser pesquisados, ainda que se torne visível após momentos de crise. A autora acrescenta que tais cortes por vezes levam o paciente a hospitalizações ou mesmo à morte, porém o sentimento presente nem sempre é o mesmo das tentativas de suicídio, mas sim o de alívio psíquico, visto não ter intenção de aniquilar a vida, mas de aliviar uma dor emocional diante de frustração ou sentimento para além do suportável.

Jatobá (2010) afirma ainda que os atos autolesivos são formas de ajustamento a uma situação pessoal dolorosa, realizados com a finalidade de evitar sofrimento ainda mais intenso ou ainda como pedido de ajuda e nos parece que é neste momento que o corpo aparece como suporte a estes significados. Podemos observar no relato em Vita Alere (2016, p.4):

Um dia, na época que eu tinha pensamentos suicidas – setembro de 2015 – sentei na minha varanda e fiquei me queimando com um cigarro... assim que as cicatrizes curaram e eu fiquei bem, decidi fazer uma rosa para cobrir as queimaduras. Eu ainda tenho que retocar algumas partes onde as cicatrizes estão visíveis. Pode não ser a tatuagem mais bonita, mas ela representa crescimento. Eu amo a minha tatuagem. Ela é linda para mim, e é a única tatuagem que minha mãe aprova, por causa do seu significado.

Há ainda relatos como o de Silva e Aguiar (2020) em que pacientes encontram alívio de uma angústia e prazer no ferimento ou mesmo diante do sangue a que fazem correr de si. Diante da dor psíquica que não sabem como controlar, passam a agir no próprio corpo através de uma dor física, acreditando ser esta categoria de dor passível de ser dominada.

Silva e Aguiar (2020) informam que os relatos de automutilação apresentam maior ocorrência entre os adolescentes e no início da fase adulta, mas que podem ter início na infância, visto que de acordo com a idade torna-se difícil a

possibilidade de verbalização já que muitas crianças não demonstram ou falam sobre a prática de tais atos.

Pode-se observar em Fanta (2020, p.3), o relato da adolescente de 16 anos que iniciou a prática dos atos autolesivos a partir dos 12 anos:

Eu tenho algumas cicatrizes, sabe, são visíveis, mas não tão profundas. Ainda tenho essa vontade de me cortar (...) A [minha] mãe está me ajudando aos poucos, ela finalmente está entendendo. Eu não consigo falar sobre isso com todos da minha família porque uns acham que é falta de Deus e outros acham que sou louca, que eu criei isso.

Diante do que se apresenta, Jatobá (2010) recomenda o cuidado do diagnóstico em psicanálise quando realizado na adolescência visto que as estruturas clínicas podem ainda não estar constituídas na infância, sendo assim, algumas atitudes realizadas pelos adolescentes devem ter um olhar amplo sob as formas de passagem nesta etapa do desenvolvimento.

Corso e Corso (2018) lembram que na contemporaneidade diversos rituais de passagem antes estabelecidos deixaram de ser praticados e diante da falta destas cerimônias coletivas que regravam novo status etário, cada sujeito se vê diante do desafio de inventar sua forma particular de marcar esta passagem. Para estes autores, essa passagem pode ser lenta e oscilar no modo de assimilação das novas fases de vida.

Para efeito de estudo, foram levantados relatos através de busca disponível em mídias sociais, onde os sujeitos que fizeram uso da prática da automutilação expõem suas vivências e subjetividades. Serão feitos recortes dentre diversos relatos, entretanto chama-nos a atenção a repetição de falas que apresentam relatos de distúrbios alimentares relacionados aos atos autolesivos, enquanto poucos aparecem externando a intenção de suicídio o que nos leva a pensar ainda mais nas pulsões que fazem o sujeito desejar o toque do alimento na boca, a significação deste toque na pele e minimizar o efeito do alimento como nutrição. Andrioli (2014, p.12) nota semelhante situação relatada por suas pacientes e cita “A partir de minha escuta clínica pude observar em meus pacientes adolescentes, o quanto a questão da alimentação estava presente em

seus discursos observando as falas sobre perda de apetite, mãos trêmulas e boca formigando na hora da refeição, o abandono da alimentação para isolar-se e produzir os cortes no corpo.”

No que diz respeito entre as práticas autolesivas e sua relação como o olhar, Corso e Corso (2018) revelam que os ferimentos costumam se constituir como um grande segredo visível, visto que este corpo está acessível ao olhar dos pais ou cuidadores, porém, os lugares escolhidos para realizar as marcas, são cantos não tão acessíveis. Ao mesmo tempo, Corso e Corso (2018) informam que estas marcas são mostradas em momentos especiais e a pessoas consideradas com o mesmo valor, sendo os arranhões produzidos uma forma de demarcação autoral e territorial, onde o corpo é território e precisa ser demarcado pelo toque e pelo olhar. Sobre as tatuagens, os autores as entendem como atitude paradoxal, pois através delas os sujeitos expõem e ocultam ao mesmo tempo. Na contemporaneidade, observam que diante da elaboração feita para a realização da arte escolhida, a tendência é que se perca o sentimento de privacidade, diante do resultado, grande é a vontade de dar a ver expondo suas imagens nas mídias sociais ou usá-las expostas ao público, na busca do olhar e reconhecimento do outro.

Não é simples relacionar as múltiplas funções da tatuagem e resumi-las nos dias atuais. O hábito de tatuar-se está presente, historicamente, na humanidade desde a pré-história. Segundo Day (2019) não se trata sobre perguntar quando as tatuagens passaram a constituir hábito comum, mas sim, a partir de quando deixaram de ser. Últimos registros datam seis mil anos ao corpo mumificado de uma mulher com diversas tatuagens, além do homem Otzi, encontrado congelado, com mais de sessenta tatuagens intactas e realizadas há mais de cinco mil anos e nas diversas culturas do mundo antigo as tatuagens eram utilizadas como marcas de rituais de passagem, oferta de alívio da dor e do sofrimento, identificação de grupos familiares ou proteção contra o mal.

Segundo Costa (2002) as religiões monoteístas proibiram a prática da tatuagem, pois esta era utilizada em rituais pagãos, devendo por isso ser banida. Mas também por estar relacionado com o culto ao corpo, exibição deste e sua erotização, sendo por isso recalcado.

Segundo Day (2016), a partir da década de sessenta passa a ser difundida em meios de comunicação visual como televisão e revistas, tornando-se pouco

a pouco objeto de desejo e de identificação com um determinado grupo social. Surgem novas técnicas de pintura e estilos, cresce o número de fabricantes de máquinas e tintas específicas além do rigor com a qualidade e a saúde. As mídias sociais divulgam em larga escala os trabalhos, artistas e informações que contribuem para desmistificar a tatuagem tirando-a do lugar de exclusão.

Neste trabalho, observa-se também o caráter enunciado por Costa (2002) de que a tatuagem não é somente uma pintura, mas também uma forma de escarificação da pele que pretende deixar sua marca com função eminentemente de dar suporte à circulação social, buscando o endereço à uma leitura, um lugar no amor do outro ou a decifração deste lugar. Para a autora, essa escarificação, surge como borda corporal, através da necessidade do sujeito de reconstituição, ao longo da história, quando o sujeito perde de alguma forma os referentes que amparam seu corpo e necessita de suportes corporais que podem surgir, entre elas, através da apropriação de marcas corporais. Para Costa (2002) esse transcurso se faz através da sustentação em relação a um olhar, oferecendo-o a uma determinada representação. Procura-se contribuir com o relato em Vita Alere (2016, p. 2):

Fiz essa tatuagem para encobrir anos de cicatrizes de automutilação. O símbolo no meio é o logotipo da Associação Nacional de Distúrbios Alimentares dos EUA (NEDA), que faz um trabalho de conscientização sobre transtornos alimentares. (...) Fiz essa tatuagem não só para cobrir minhas cicatrizes, mas também para ajudar a aumentar a conscientização. A maioria das pessoas vê a tatuagem e pergunta o que ela é e o que significa. Isso geralmente dá início a um diálogo. Muitas pessoas pensam que esse tema é tabu, mas é isso que faz com que a anorexia seja uma doença tão mortal. Todo mundo conhece alguém que tem ou teve um distúrbio alimentar.

Podem-se observar no recorte acima, os aspectos de substituição de uma marca corporal – automutilação – por outra, a tatuagem, sendo esta última endereçada ao outro, que abre espaço para fala, a possibilidade de trazer o que faz parte do seu mundo íntimo ao público e talvez a oportunidade de ressignificação.

Costa (2004) diz que além da função de suporte para a circulação social

do corpo, as tatuagens constituem um circuito da pulsão, de forma que este corpo seja libidinizado e representado em qualquer fase da vida do sujeito pela erotização, como produção de prazer através da oferta ao olhar. Nesse contexto, ressalta que pode trazer um elemento de insuficiência, gerando a necessidade constante de se reescrever, tornando-se compulsão por serem refeitos a marca, o recorte, a borda.

Costa (2002) contribui com outro aspecto no que diz respeito a erotização através da dor que o sujeito busca ativamente uma posição passiva, condição própria do circuito da pulsão. Lembra-se que no Brasil costuma-se dizer “eu me tatuei”, apesar de haver entrega do corpo ao tatuador, no suporte deste, “o sujeito se ausenta de seu corpo e pode gozar como terceiro no acontecimento. Essa é a condição descoberta por Freud, do erotismo da posição que acontece no masoquismo primário.” (COSTA, 2002, p. 62).

Osório (2006) efetuou pesquisas na área da Antropologia em estúdios de tatuagem no Rio de Janeiro e, entre outros aspectos, mostram que as mulheres utilizam esta marcação na pele como forma de afirmação da sua propriedade sobre ele, e que entre este público nota-se o aspecto de coletivização presente no ato da realização da tatuagem onde mulheres acompanhadas, algumas vezes por suas mães ou irmãs fazem uma espécie de ritual através da fala durante o processo. Osório (2006) observou que este comportamento é pouco recorrente entre os homens, que raramente realizam o procedimento acompanhados e onde os diálogos ocorrem em geral, apenas com o tatuador. Interessante observar que diante da realização de uma inscrição como marca singular que afirme a propriedade sob seu corpo, o sujeito faça-se acompanhar pela mãe, talvez como a solicitar sua permissão para o ato como no caso abaixo:

Não me machuco desde o ano passado. Perdi minha avó há quase um ano. Quando eu tinha quatorze anos, perguntei à minha mãe se poderia fazer uma tatuagem se eu conseguisse não me machucar por um ano. Eu não tinha planejado fazer essa tatuagem com a letra da minha avó, a tatuagem me mantém com os pés no chão e trás uma pequena parte dela ao lado de cicatrizes de uma época que foi muito difícil de superar. Não tinha planejado isso, mas depois de perder minha avó, sabia que era o que eu precisava. (VITA ALERE, 2016, p. 4)

Costa (2002) afirma que estamos organizados através de uma sociedade baseada no consumo onde a tatuagem, assim como outras expressões, pode apresentar-se regida através da moda, sendo interessante diferenciar-se essa experiência como uma das formas atuais de coletivização. Bauman e Leoncini (2018) nesse particular, ressaltam que o corpo aparece como lugar cada vez mais predileto a solucionar a conjugação de pertencimento, autoafirmação, permanência e manipulação da identidade. Disseram que há diversas formas identitárias utilizadas atualmente, mas que as tatuagens implicam a um compromisso mais sério e duradouro, numa intenção de estabilidade tanto de compromisso e de liberdade, quanto à autodefinição e seu exercício. Bauman e Leoncini (2018) falam-nos que a sociedade do consumo transforma a possibilidade em obrigação, sendo a moda uma forma coercitiva de transformar o aspecto exterior ao corpo como necessidade, ou seja, consumo. Costa (2002) nos lembra que, se um sujeito consegue através da tatuagem incluir-se em algum tipo de circulação social, para outro, pode não se dar o mesmo.

Os desejos em realizar procedimentos de escarificação da pele podem ocorrer algumas vezes ao longo da vida do sujeito, podendo apresentar-se em momentos mais intensos, pedindo urgência ao ato, ou de forma compulsiva. Algumas pessoas encontram na tatuagem um meio de diminuir os anseios pela autolesão ou uma forma de evitá-la. Tamarkin (2016, p.3) apresenta relatos de ressignificação por meio da tatuagem:

Eu lutei contra a automutilação por 11 anos. No ano passado, eu passei um ano inteiro sem me cortar pela primeira vez desde que eu tinha 10 anos de idade. Eu fiz essa fênix para cobrir as cicatrizes no meu braço esquerdo. Ressurgindo das cinzas, estou viva novamente. Agora, um ano depois dessa tatuagem, estou casada e grávida do meu primeiro filho. Sempre que as coisas parecem sombrias, eu me lembro do quão longe cheguei com essa tatuagem. (TAMARKIN, 2016, p.3)

Araújo et al. (2016) lembra que a psicanálise, através da formulação em torno dos destinos pulsionais e do masoquismo, possibilita que seja afastada a ideia patologizante de que aqueles que praticam atos autolesivos precisam

de uma “cura” ou tratamento específico, sendo o trabalho de escuta, através do tempo e da elaboração permitida pelo desejo de cada sujeito, para que se identifique o que significam os atos e seus representantes pulsionais.

Corso e Corso (2018) enfatizam a necessidade de compreensão da complexidade do comportamento humano e reflete que o que é considerável agradável, desagradável, bom ou ruim assume diferentes peculiaridades. Algumas pessoas, diante de um sofrimento de extrema angústia, podem apresentar ataques de pânico, outras podem encontrar na pele um alívio ao sentir-se desaparecer ou incapaz de ocupar um lugar no mundo ou na vida de alguém.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após retornar ao referencial teórico sobre as teorias das pulsões de Freud e sobre o masoquismo procurou-se observar nas práticas de atos autolesivos e na tatuagem formas possíveis de atividade pulsional que encontra o próprio corpo como lugar de prazer. Por meio da utilização de relatos disponíveis nas mídias sociais e de domínio público, buscou-se realizar um olhar ampliado sobre as práticas autolesivas e sobre a tatuagem para além do conteúdo patologizante em voga atualmente.

Embora à primeira vista tatuagens possam estar relacionadas ao embelezamento ou decoração do corpo e atos autolesivos à busca de um mecanismo de enfrentamento para angústias emocionais, tivemos oportunidade de observar que ambas encontram no corpo e através da dor, uma possibilidade de escrita na própria pele, logo subjetivação de si mesmas.

Foram observados nos relatos tanto dos sujeitos envolvidos na prática da automutilação como de tatuagens a intenção de trazer à luz sentimentos, emoções, vivências privadas. O momento e a forma que serão trazidas à público são escolhidos por cada um de acordo com as possibilidades de elaboração. Pôde-se concluir que uma das formas que os sujeitos encontram para elaborar questões que pedem urgência psíquica, seja pelo desconforto que encontram



ou pela necessidade de sentirem prazer é a do toque na pele.

É através da escuta que o analista toca o corpo e a história de seu paciente, permitindo recordar e elaborar as marcas indizíveis do sujeito. Ao invés de repetir a marca no corpo, o convite de uma análise permite, através da palavra, falar sobre a dor e as angústias daquilo que ainda não tem nome ou forma. A palavra pode produzir sentido para a dor que não encontra outro caminho que as marcas corporais e possibilidade de produzir uma autoria e um corpo.

Diversos foram os modos encontrados para que o toque seja realizado na pele. Sejam através de arranhões, cortes, queimaduras, furos, essas escarificações representam algo a estes sujeitos e estas marcas que permanecem para sempre neste corpo correspondem a uma assinatura de si mesmos.

## REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Patrícia. **O corpo na adolescência**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2014. 39 p.

ARAUJO, Juliana; CHATELARD, Daniela; CARVALHO, Isalena; VIANA, Terezinha. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. *Estilos Clínicos*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, maio 2016. Trimestral.

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em Tempos Líquidos: transformações no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 95 p.

CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Adolescência em Cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2018. 336p.

COSTA, Ana. **“Se fazer” tatuar: traço e escrita das bordas corporais**. *Estilos da Clínica*, Porto Alegre, v. 8, n. 12, p. 56-63, maio 2002.

COSTA, Ana. A transicionalidade na adolescência. In: COSTA, Ana et al (org.) **Adolescência e Experiências de Borda**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Cap. 12. P. 165- 193.

DAY, Holly. **Tattoo FAQ: All that’s left to know about skin art**. Maryland, USA: Backbeat Books, 2019. 346 p.

FAITA, Suzane. **Jovens contam os dramas da automutilação**. 2020. Disponível em: <https://clmais.com.br/jovens-contam-os-dramas-da-automutilacao/>. Acesso em: 02 set. 2020.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1905/2016. (Vol. 6). 407 p.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, Original publicado em 1915/2010. (Vol. 12). 312 p.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Além do princípio do prazer. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1920/2010. (Vol. 14). 432 p.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. O problema econômico do masoquismo. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1924/2011. (Vol. 16). 374 p.

GOMES, Gil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. Rio de Janeiro, v. 17, n.3, p. 249-255, setembro, 2001.

JATOBÁ, Maria. **O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. 93 p.

OSÓRIO, Andréa. **O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro**. 2006. 164f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.

SILVA, G.F. **Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana**. 2012. 142 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, USP, São Paulo, 2012.

TAMARKIN, Sally. **34 tatuagens criadas para cobrir cicatrizes de automutilação: de pequenas e minimalistas a grandes e coloridas**. De pequenas e minimalistas a grandes e coloridas. 2016. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/sallytamarkin/34-tatuagens-criadas-para-cobrir-cicatrizes-de-aut>. Acesso em: 2 ago. 2020.

VITA ALERE (São Paulo). Instituto Vita Alere. **34 tatuagens criadas para cobrir cicatrizes de automutilação**. 2016. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/34-tatuagens-criadas-para-cobrir-cicatrizes-de-automutilacao/>. Acesso em: 29 jul. 2020.